

Pedro Otávio Padilha Sander

**Percepção de adolescentes acerca da transição da infância para a
adolescência**

Brasília
Junho, 2023

Centro Universitário de Brasília – CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Pedro Otavio Padilha Sander

**Percepção de adolescentes acerca da transição da infância para a
adolescência**

Monografia apresentada à Faculdade de
Psicologia do Centro Universitário de
Brasília – CEUB como requisito parcial
para a conclusão do curso de Psicologia.
Professora Orientadora: Me. Aurea
Chagas Cerqueira

Brasília
Junho, 2023

Centro Universitário de Brasília – CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Folha de Avaliação

Pedro Otávio Padilha Sander

Percepção de adolescentes acerca da transição da infância para a adolescência

Banca Examinadora:

Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira – CEUB

Orientadora

Profa. Dra. Luciana de Oliveira Campolina – CEUB

Examinadora

Profa. Dra. Marília dos Santos Bezerra - CEUB

Examinadora

Brasília
Junho, 2023

Sumário

Resumo	05
Introdução	06
Objetivo Geral	07
Objetivos Específicos	07
Justificativa	07
Revisão de Literatura	08
Metodologia.....	17
Participantes	18
Instrumentos	18
Procedimentos	20
Considerações éticas	20
Construção do material de análise	21
Análise de resultados	22
Resultados e discussão.....	24
Considerações finais.....	35
Referências.....	37
Anexos.....	39
Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	39
Anexo 2: Termo de Assentimento	43
Anexo 3: Roteiro do Grupo Focal.....	47
Anexo 4: Parecer consubstanciado do CEP-CEUB	48

Resumo

O presente trabalho visou refletir sobre como adolescentes descrevem os sentimentos a respeito do período de transição da infância para a adolescência. Segundo pesquisadores, trata-se de um dos momentos mais importantes no desenvolvimento humano. Neste sentido, a pesquisa buscou compreender os sentimentos dos adolescentes, baseando-se em teóricos do desenvolvimento humano e da psicanálise. Objetivou-se levantar questões que proporcionassem uma melhor compreensão a respeito das mudanças e transformações enfrentadas por esses indivíduos. Definiu-se o grupo focal como técnica para a realização do estudo, de modo a permitir uma melhor observação dos sentimentos dos participantes, e a metodologia de análise de conteúdo para a análise e interpretação do material obtido. Os resultados lançam luz sobre esse período de vida dos adolescentes e podem contribuir para a melhoria das relações dos adolescentes nos ambientes social, familiar e escolar, assim como para a elaboração de políticas públicas destinadas a esse público específico.

Palavras-chave: Infância; Adolescência; Transição; Sentimentos; Psicanálise.

Introdução

Desde a fecundação do óvulo, passando por todas as etapas de desenvolvimento da vida, até a morte, o ser humano está em constante evolução. Porém, alguns marcos dessa transição são mais significativos ou representativos do que outros. A passagem da infância para a adolescência destaca-se como um dos mais importantes momentos da vida, em virtude de apresentar mudanças que podem perdurar, de forma consciente ou não, para sempre na experiência do indivíduo. Geralmente é nesta etapa que o sujeito passa a ser visto como um *quase* adulto, geralmente entre os 10 e 13 anos de idade, começando na última fase da infância e seguindo até o início da adolescência.

Em certas sociedades não existia a palavra adolescente. A criança passava direto para a vida adulta, normalmente depois de certos rituais, tornada pronta para procriar, assumir uma família, trabalhar e ser independente. Já em outras culturas, principalmente em sociedades ocidentais, a existência da adolescência era ligada ao fato de ser uma prorrogação do período de estudos, da criação da família e da entrada no mercado de trabalho.

O conhecimento acerca de tais contextos impeliu o pesquisador assistente a se interessar em compreender, de forma mais aprofundada, esse período de transição da infância para a adolescência.

Como se dá essa transição? Quais são os seus impactos sobre os indivíduos envolvidos? São perguntas que sobressaem quando se reflete sobre o assunto. Sobretudo quando os adolescentes apresentam questionamentos acerca das dificuldades em escolher uma profissão, quando demonstram fragilidade ao se separarem dos pais para conquistar a própria independência, ou ainda quando expõem os seus medos em relação à

sexualidade, ao sexo e às mudanças fisiológicas. Tais questões estimularam este pesquisador na busca por compreender melhor esse momento de vida desses indivíduos. Desta forma, o presente estudo visa refletir a respeito das seguintes questões: Quais são os impactos que a transição da infância para a adolescência gera nos indivíduos? Quais são os sentimentos manifestados pelos indivíduos nessa transição? Como os indivíduos percebem esse momento de vida? Para refletir acerca destes assuntos, esta pesquisa se apoiou numa perspectiva do desenvolvimento humano e psicanalítica. Serão utilizados, como referências para a elaboração deste trabalho, os seguintes teóricos: Sigmund Freud, Melanie Klein, Diane Papalia, Arminda Aberastury, Peter Blos, Contardo Calligaris, Erick Erikson e Laurence Bardin.

Objetivo Geral

Conhecer a percepção de adolescentes de 12 a 14 anos acerca da vivência do processo de transição da infância para a adolescência.

Objetivos Específicos

- Investigar a percepção dos adolescentes sobre os sentimentos presentes no processo de transição para a adolescência;
- Analisar a percepção dos adolescentes sobre possíveis dificuldades inerentes ao processo de transição para a adolescência.

Justificativa

Este trabalho se justifica em um âmbito social, acadêmico, escolar e psicológico, em função do tema abordado, de extrema importância tanto na vida dos adolescentes, quanto das pessoas que convivem com eles. Além disso, buscou-se refletir acerca de um dos períodos mais importantes vivenciados pelos indivíduos: a transição entre a infância e a adolescência. Com isso, pretendeu-se observar como os adolescentes fazem essa passagem, assim como quais são seus sentimentos e suas percepções. Pretendeu-se contribuir tanto para auxiliar indivíduos e sociedade, quanto para o desenvolvimento de outras pesquisas relacionadas à presente temática.

Revisão de Literatura

Desenvolvimento Humano

Para se estudar o ser humano, uma das primeiras imposições científicas que se colocam é a de se basearem as análises a partir do desenvolvimento dos indivíduos e suas etapas. Papalia e Feldman (2013) analisam os processos de mudanças e estabilidades que ocorrem nos indivíduos, como ocorre o seu desenvolvimento e o que se espera que ocorra em cada fase da vida. Para as autoras, essa evolução ocorre em oito fases denominadas da seguinte forma (com a respectiva faixa etária de cada uma):

- Pré-natal – da concepção ao nascimento;
- Primeira infância – do nascimento aos três anos de idade;
- Segunda infância – dos três aos seis anos de idade;
- Terceira infância – dos seis aos onze anos de idade;

- Adolescência – dos onze aos vinte anos de idade;
- Início da vida adulta – dos vinte aos quarenta anos de idade;
- Vida adulta intermediária – dos quarenta aos sessenta e cinco anos de idade;
- Vida adulta tardia – dos sessenta e cinco anos de idade em diante.

Papalia e Feldman (2013) apontam ainda que, conforme Erik Erikson, houve uma divisão dos estágios, numa linha psicossocial, partindo de uma crise na personalidade em cada uma das oito etapas. Seriam elas:

- Confiança básica *versus* desconfiança – do nascimento aos doze – dezoito meses – quando o bebê começa a ter confiança em relação ao mundo;
- Autonomia *versus* vergonha e dúvida – dos doze – dezoito meses aos três anos de idade – a criança começa a ter uma independência em relação aos outros fazendo algumas atividades sozinha;
- Iniciativa *versus* culpa – dos três aos seis anos de idade – começa a ter iniciativa em relação a algumas atividades, quando sabe que não estava fazendo algo errado;
- Produtividade *versus* inferioridade – dos seis anos à puberdade – começa a criar habilidades que vão seguir pelo resto da vida e passa a enfrentar sentimentos de incompetência por não ter conseguido realizar algumas tarefas;

- Identidade *versus* confusão de identidade – da puberdade à idade adulta jovem – quando se determina quem realmente é, sua própria identidade;
- Intimidade *versus* isolamento – na idade adulta jovem – quando procura ter relacionamentos e intimidade com outras pessoas;
- Generatividade *versus* estagnação – na vida adulta intermediária – começa a querer passar o conhecimento adquirido para a próxima geração;
- Integridade *versus* desespero – na vida adulta tardia – passa a aceitar a morte, entendendo a própria vida.

Segundo as pesquisadoras, essas faixas etárias são arbitrárias, isso porque alguns indivíduos podem iniciar uma fase em uma idade diferente de outra pessoa, o que já indica a diferença no desenvolvimento de cada indivíduo. Diferente de ser considerado algo ruim, demonstra como o ambiente, a genética e outros fatores podem influenciar na formação humana. Outro ponto importante parte do fato de que nem todas as passagens de uma fase para a outra apresentavam algum fator principal para acontecer. Normalmente, a menstruação marca objetivamente a entrada da mulher na adolescência, por exemplo.

Mas além dos fatores físicos em cada idade, os estudiosos do desenvolvimento também observam os progressos dos aspectos cognitivo, psicossocial, psicossocial e da construção social esperados em cada uma das faixas etárias.

Infância

A infância compreende o primeiro momento do desenvolvimento humano que normalmente acontece do nascimento até os 10 ou 11 anos de idade, quando o indivíduo entra na adolescência e geralmente se divide em algumas fases.

Sigmund Freud (1905/2016) afirma que o desenvolvimento psicosssexual da criança (o desenvolvimento da personalidade) ocorre a partir de conflitos da criança entre impulsos inatos. Esses impulsos são ligados aos instintos sexuais, às zonas erógenas, as quais trazem ou não prazer. Apesar de o instinto sexual estar presente nessa etapa da vida, algumas atividades sexuais existem desde o nascimento. Por isso, Freud (1905/2016) propõe essa divisão, tendo como base esse prazer sexual que vai ocorrer em determinadas zonas erógenas, as quais são deslocadas em cada etapa.

Freud (1905/2016) nomeia essas etapas como: fase oral; fase anal; fase fálica e fase genital. Na fase oral, a atividade sexual está ligada à alimentação, ao processo de sucção. O ato de mamar o peito da mãe, chupar a chupeta ou o próprio dedo se apresentam como um ato de autoerotismo, despertando o prazer do bebê. Esta fase irá perdurar até os dezoito meses, aproximadamente. Em seguida, inicia-se a fase anal, na qual o intestino e o ânus são descobertos como uma zona de prazer, segurar e soltar as fezes trarão deleite para o indivíduo. Além disso, haverá a descoberta de que esse processo de segurar e soltar poderá ser usado como forma de manipulação. Esse período vai dos dezoito meses até os três anos.

A etapa seguinte é denominada fase fálica, na qual a criança começa a perceber as diferenças entre meninos e meninas, e os órgãos sexuais - ainda não desenvolvidos completamente - servem de zonas de prazer. Nesse momento, surge a questão de porque os meninos têm pênis e as meninas não. No início, os meninos acham que todos têm o

órgão sexual à mostra, até o momento em que descobrem que o seu órgão sexual, o pênis, não existe nas meninas, o que faz com que eles passem a sentir o que Freud (1905/2016) denomina de medo da perda e complexo de castração. Nessa fase, o prazer deriva do toque e do coçar ou limpar o órgão sexual. A partir dessas atividades cotidianas, a criança começa a perceber que esses atos são prazerosos e tenderá a repeti-los com frequência.

Ao longo do desenvolvimento, a criança atravessa o que Freud (1924/2011) denomina de complexo de Édipo. Segundo esse autor, a criança passa por uma busca do amor do sexo oposto, o pai ou a mãe, ao mesmo tempo em que fantasia que o genitor do mesmo sexo irá roubar-lhe esse amor. O menino tende a achar que o pai irá castrá-lo para poder ter a mãe somente para si.

A psicanalista austríaca Melanie Klein (1969) descreve o processo de complexo de Édipo precoce, o qual tende a ocorrer no bebê por volta dos seis meses de idade. Quando o desmame começa a ocorrer, o bebê passa a sentir que o pai está querendo roubar a mãe dele e ficar com ela só para si. Conforme Klein (1969) aponta, o bebê, que sempre teve a mãe toda para ele, é exposto a um primeiro conflito, já que passa a se separar dela. Ambos os processos passam a ser importantes para a formação do desejo e da personalidade do indivíduo, o que faz com que a passagem de forma insatisfatória pelo complexo de Édipo possa trazer importantes conflitos psicológicos para o indivíduo.

Após a fase fálica e até a adolescência, Freud (1905/2016) aponta que a criança passa por um período de latência, momento em que a sexualidade inicia um período de interrupção até a chegada da puberdade. Esse é o momento no qual o jovem começa a interagir mais e a construir laços com grupos de amigos.

Por fim, Freud (1905/2016) descreve a fase genital, que seria um momento da puberdade onde a sexualidade volta a aflorar, porém ela não está mais ligada ao próprio corpo e sim ao corpo do outro: “O instinto sexual que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual” (Freud, 1905/2016.)

Segundo a psicanalista argentina, Arminda Aberastury (1982), existe uma fase genital prévia, que vai ocorrer logo após a fase oral, a qual se estende do desmame do bebê ao nascimento dos dentes. É nesse período que a criança aprende a falar e a andar. Esse caminhar constituirá uma forma de proteção e independência, pois a criança passa a se separar da mãe, diminuindo seus impulsos destrutivos. Mais tarde a criança tenderá a retornar a essa mãe da qual se separou.

Conforme aponta Erickson (1987), o caminhar e o desbravar do mundo serão fundamentais para que a criança desenvolva confiança no outro e no mundo. De acordo com esse autor, quando na primeira infância há perda abrupta do amor materno, sem uma substituição adequada desse amor, pode ocorrer o desenvolvimento de um quadro de depressão ou, em circunstâncias mais severas, uma matriz depressiva, a qual pode acompanhar o indivíduo pelo resto da vida.

Transição da infância para a adolescência

Como explicado acima, Freud (1905/2016) concebeu um período na vida da criança, logo após a fase fálica, chamado de período de latência, momento em que ocorre certa estagnação das pulsões sexuais no indivíduo e ele vai colocar suas energias no outro. Esse período vai perdurar até a adolescência, quando os instintos sexuais vão retornar. Apesar desse período ter se iniciado por volta dos seis anos de idade, a transição para a

adolescência vai ocorrer em grande parte nele. E é em função do fim da latência e da volta do afloramento da sexualidade que o indivíduo se sente estranho em relação a esse assunto.

Segundo Blos (1995), o período de latência tem como importância a preparação para o encontro com as pulsões de liberdade, ou seja, a criança consegue conduzir a sua energia para outras estruturas psíquicas além da sexualidade e da agressividade. Nesse período vai acontecer o “controle do ego e do superego sobre a vida dos instintos” (Blos, 1995, p. 36). Com a passagem do complexo de Édipo, vamos ter a castração como consequência à construção do superego, havendo, portanto, o desenvolvimento dos valores que dá à criança condições de sair da primeira matriz familiar para a matriz social de grupo.

É por isso que, nesse momento, é importante para o indivíduo se encontrar no seu próprio grupo, onde ele vai encontrar sua matriz social e com isso desenvolver sua interação social.

O ego exercerá várias atividades como de natureza sublimatória, defensiva e adaptativa. Como esclarece Blos (1995), as relações objetais serão abandonadas e convertidas pelas de identificação, onde o sujeito vai agir por conta de se identificar em algo com o outro. Por isso, há um movimento de separação dos sexos por conta dessa identificação, meninos vão formar grupos, na maioria das vezes, com meninos e vice-versa. Mas fragmentos da sexualidade que não foram sublimados podem aparecer. Isso vai ocorrer até a puberdade, momento em que o desenvolvimento da sexualidade volta com maior intensidade.

Blos (1995) também descreveu uma pré-adolescência, diferentemente de Freud, para quem da fase da latência a criança segue para uma fase genital, que já é a adolescência. Para esse autor, na pré-adolescência há o retorno desses instintos sexuais, de uma forma mais forte, podendo qualquer experiência se tornar algo sexualmente estimulante. Nesse momento é onde ocorreu, nos meninos, as primeiras ejaculações, que podem acontecer a partir de momentos emocionais, sem terem sido sexualmente estimulados. Ou mesmo a menarca nas meninas.

Erickson, citado por Blos (1995), afirma que os impulsos pré-genitais vão aparecer de formas diferentes nos meninos e nas meninas. Isso ocorre por conta da diferença de enfrentamento do momento da puberdade. Os meninos vão se preocupar, nos jogos de pré-adolescentes, com: “o salto, queda movimentação e canalização, enquanto as meninas, interiores estáticos que são abertos ou bloqueados e penetrados. Pode-se nomear esse conjunto de acontecimentos de pré genitalidade, que reapareceu agora.

Outro ponto a se pensar nesse momento da transição é o luto que o adolescente vai passar. Como sabemos, luto vem de alguma perda ocorrida pelo sujeito e que pode ser uma perda da ordem concreta ou abstrata (Freud, 1917/2010). Essa perda pode ser de um parente ou de um momento da vida e, no caso dos adolescentes, a perda ocorrerá numa ordem subjetiva. Ele passará por 3 perdas nesse momento, que são, segundo Hamada e Castro, citando Abelastury (2023): “Perda do corpo infantil, perda da posição infantil e dos pais da infância”.

A perda do corpo infantil seria essa mudança que o adolescente vai passar nesse momento, indo de um corpo infantil para um corpo adulto, o que traz inicialmente essa vergonha de si próprio e das mudanças observadas.

A perda da posição infantil é quando o adolescente perde sua inocência, sua infantilidade e passa a um mundo mais subjetivo no campo do pensamento, da sexualidade e da entrada da genitalidade.

E a perda dos pais da infância será uma perda de um sujeito que sempre cuidou e acolheu, e que agora passa a se distanciar e com isso faz com que o adolescente tenha que conviver com suas angústias e dilemas em um mundo mais interno, tendo que compartilhar uma realidade com os mesmos, vivenciando ambivalências e conflitos.

Em todas essas perdas, o sujeito vai se questionar se algo poderia ter ocorrido para não acontecer e vai sentir vergonha em relação a essas mudanças (Hamada e Castro, 2023).

Adolescência

De acordo com o psicanalista Contardo Calligaris (2014), adolescência é uma fase de transição, criada pela cultura, para prolongar a chegada do indivíduo à fase adulta. Em função desse intervalo, muitos jovens atravessam conflitos na adolescência. Esse autor afirma que o adolescente passa por duas buscas para ter o reconhecimento da sociedade: as relações amorosas e o poder (campos produtivo/financeiro/social). Esse período de maturação, em que o jovem vai ter que esperar para poder realizar esses dois desejos, é o que o autor chama de “moratória”.

No decorrer desse período de maturação, alguns comportamentos de rebeldia tendem a ocorrer, uma vez que o jovem acredita que já esteja preparado para realizar as tarefas como um adulto, porém tem que aguardar até que seja considerado pronto pelos seus responsáveis. Dessa forma, uma questão que se coloca é por quanto tempo essa

moratória acontece e com que idade o jovem pode ser chamado de adulto. Essa pergunta fica sem uma resposta definida, uma vez que não existe uma idade específica, na qual se pode dizer que a fase adulta começou. Tal indefinição costuma gerar o sentimento de angústia no adolescente.

Outro fator importante dessa fase da vida refere-se à insegurança em relação ao corpo, já que é quando ocorrem as mudanças físicas mais intensas no indivíduo. O corpo infantil dá lugar ao adulto, o que pode ocasionar a perda da segurança do amor que o jovem tem dos pais, por ser criança, e também não leva ao reconhecimento que ele deseja, o qual só virá na vida adulta. Segundo aponta Calligaris (2014), “a insegurança se torna assim o traço da adolescência”.

Já Erickson (1987) afirma que a adolescência é o período da busca pela identidade, momento de compreender qual o papel individual na sociedade e o que se deseja para a vida. É nessa fase que o indivíduo apresenta o dilema sobre qual profissão buscar, por exemplo. E essa busca pode despertar o sentimento de medo de ter que ser e fazer algo que não deseja, mas sim o que os pais ou a sociedade querem. Por isso, o indivíduo se vê em uma constante busca de tentar agradar, ao seu modo, a todos. Esse momento, Erickson (1987) denomina de confusão de identidade. Segundo o autor, é em virtude desse processo que o adolescente tende a buscar seu grupo, uma “tribo” com a qual possa se identificar, com os mesmos ideais e problemas, mesmo que seja algo temporário. Geralmente nesses grupos existe um herói que vai ser a inspiração do jovem. Logo, enquanto na infância o ideal será buscado na figura dos pais, na adolescência esse papel será desempenhado por uma pessoa externa.

Blos (1995) também traz esse mesmo pensamento de Erickson, no sentido de que o indivíduo vai buscar sua autodefinição, “quem sou eu?” Mas o que vai diferenciar a pré-adolescência dessa fase é que os instintos sexuais, passando de uma função saciadora para um lugar de primeira ordem, terão uma importância maior.

Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida com enfoque na metodologia qualitativa, que tem como finalidade o uso de dados qualitativos para a análise do material obtido. O foco recaiu sobre a interpretação do que foi apresentado, a partir da interpretação fornecida pelos próprios participantes. Ela foi realizada utilizando-se a técnica de grupo focal, visando ao levantamento de dados que possibilitassem aprofundamento analítico e discussão. Teve como fundamento o referencial teórico psicanalítico.

Participantes

Foram convidados a participarem desta pesquisa 6 (seis) adolescentes, com idades entre 12 e 14 anos, de ambos os sexos. Porém, efetivamente, a pesquisa contou com a participação de 5 (cinco) desses, sendo que um deles não pode comparecer.

Os adolescentes foram escolhidos por conveniência, a partir da rede de contatos do pesquisador assistente, fora do seu contexto social de parentesco, proximidade ou convivência, sob o consentimento prévio dos seus responsáveis legais, a partir de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Local

A pesquisa foi realizada em um consultório de Psicologia amplo, onde pudessem ser preservadas a integridade e a confidencialidade, tanto da pesquisa, quanto dos participantes envolvidos.

Instrumentos

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) apresenta os objetivos da pesquisa e os procedimentos que seriam adotados. Esse instrumento foi entregue para os pais ou responsáveis, para que fosse lido e assinado, antes da aplicação da técnica de pesquisa.

2. Termo de Assentimento

O Termo de Assentimento (Anexo 2) apresenta os objetivos da pesquisa e os procedimentos que seriam adotados. Foi lido pelo pesquisador assistente, no dia da realização do grupo focal, e assinado pelos participantes.

3. Roteiro do Grupo Focal

Segundo Morgan (1997, apud GONDIN, 2002), grupo focal é uma técnica de pesquisa que se utiliza de interações entre participantes de um grupo, com o objetivo de discutir, avaliar e opinar sobre um tema sugerido pelo pesquisador. Trata-se de uma forma de obter a percepção dos participantes sobre o que se deseja investigar.

Já Backes et al (2011) afirmam que grupo focal é uma técnica de coleta de informações a partir da interação de pessoas, visando promover uma problematização do assunto. Com isso, tem-se o objetivo de formar opiniões. No grupo focal as opiniões são apresentadas pelos participantes do grupo. Se a opinião de um não for aceita por alguém,

na hora da análise, ela será considerada uma das posições do grupo, ou seja, sempre se deve referir ao grupo como uma unidade.

Nesse processo de discussão de assuntos é que se dá a construção da opinião dos participantes, a aceitação ou não do que os participantes estão falando. Segundo Backs et al (2011) e Morgan (1997), isso faz com que seja uma técnica mais rica que a entrevista individual, por levar os participantes a pensarem suas ideias ao longo da discussão, e para que possam formular melhor as respostas ou mudar de opinião a partir do que ouvem.

Existem três modalidades de grupo focal, a saber: exploratória; clínica e vivencial. Na exploratória, o objetivo é gerar hipóteses, buscar novas ideias e necessidades. Já a clínica tem o objetivo de compreender sentimentos, crenças e comportamentos dos participantes. E as vivenciais objetivam buscar entender o funcionamento do grupo, uma análise intragrupal.

De acordo com Backs et al (2011) e Morgan (1997), apesar de a análise do conteúdo ser do grupo, alguns fatores podem influenciar o resultado, tais como o medo de falar diante de pessoas que podem ser desconhecidas, de dar as opiniões e essas não serem aceitas e de os participantes falarem ao mesmo tempo. Por isso, a escolha dos participantes e as regras bem explicadas são fundamentais para o sucesso da coleta de informações.

O número de participantes não pode ser tão pequeno a ponto de não proporcionar discussões, ou tão grande a ponto de todos falarem ao mesmo tempo. Por isso, segundo os pesquisadores, o ideal é selecionar entre 4 a 10 participantes. Essa escolha precisa levar em conta o objetivo da pesquisa; por isso, a escolha pode ser homogênea ou heterogênea (idade, sexo, raça, classe social, entre outros fatores).

Para o presente trabalho, adotou-se a modalidade clínica para a abordagem do grupo focal, com o objetivo de se buscar compreender o que os participantes sentem em relação ao período de transição da infância para a adolescência. Foi utilizado um roteiro preestabelecido (Roteiro do grupo focal) que abordou três momentos do desenvolvimento humano: a infância, a transição da infância para a adolescência e a adolescência. Cada momento foi subdividido em quatro perguntas (Anexo 3).

Procedimentos

Considerações éticas

A realização desta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília - CEP/CEUB, conforme Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde.

Em atendimento aos princípios éticos e técnicos, antes do início do processo de aplicação da técnica do grupo focal, os responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os participantes foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa, informados quanto ao sigilo e ao anonimato que seriam preservados, e assinaram o Termo de Assentimento. Foi esclarecida a possibilidade de interrupção da participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo pessoal.

Construção do material de análise

Os participantes foram selecionados por conveniência, a partir da rede de contatos do pesquisador assistente, fora do seu contexto social de parentesco, proximidade ou convivência.

Na data definida para a realização do grupo focal, os participantes foram convidados a se sentarem em cadeiras dispostas em círculo, numa sala ampla e reservada previamente pelo pesquisador assistente. Nesse momento, o pesquisador informou aos participantes o objetivo da pesquisa e mencionou brevemente sobre a importância do processo de desenvolvimento humano, sobretudo acerca dos aspectos referentes aos períodos da infância e da adolescência. Em seguida, leu em voz alta o Termo de Assentimento para que os participantes pudessem esclarecer dúvidas e assiná-lo.

Da mesma forma, os participantes foram informados de que todo o processo seria registrado em gravação de áudio, com o objetivo de permitir a transcrição e a análise fidedigna do material obtido. Também foi destacado que haveria atenção integral à garantia do sigilo e da privacidade dos participantes. Na sala, estiveram presentes somente os participantes e o pesquisador assistente, o qual desempenhou a função de moderador do grupo. Para a gravação do áudio foi utilizado um gravador e um *smartphone* com função de gravação.

No início da aplicação da técnica do grupo focal, foram informadas as seguintes regras a serem respeitadas pelos participantes: 1) durante a realização do grupo focal, não deveriam falar simultaneamente a outra pessoa; 2) para cada tema proposto seriam oferecidos seis minutos de discussão e 3) não deveriam interagir com o moderador (pesquisador assistente) durante as discussões.

Em seguida, o moderador foi responsável por dar início e ler os temas do roteiro do grupo focal (Anexo 3), assim como por fechar o tempo de discussão do assunto, sem interferir ou opinar no que estivesse sendo falado entre os participantes.

A aplicação da técnica do Grupo Focal teve a duração total de 1h30. Ao final da aplicação, o moderador agradeceu a participação de todos e encaminhou cada um dos presentes ao encontro com os seus respectivos responsáveis. Não houve intercorrências que justificassem a adoção de quaisquer medidas de suporte aos presentes.

Análise dos resultados

A análise dos resultados foi realizada por meio da metodologia de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), trata-se de “uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem como finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”. Essa forma de análise se preocupa em categorizar os conteúdos advindos da coleta de dados e verificação de resultados semelhantes para análise.

Para que essa análise seja feita de forma mais adequada, Bardin (1977) cita algumas regras a serem seguidas: devem ser homogêneas (não misturar assuntos diferentes); exaustivas (abarcando todo o texto, a entrevista toda); exclusivas (não deve ser categorizado o mesmo conteúdo em duas categorias); objetivas (todas as codificações devem chegar ao mesmo resultado) e adequadas (adaptadas ao objetivo). A análise de conteúdo deve estar em acordo com os objetivos e hipóteses da pesquisa, porque são eles que vão orientar a análise.

De acordo com essa autora, a organização da análise passa por três etapas: a pré-análise, na qual é feita a seleção documental, a elaboração dos objetivos, e a escolha dos indicadores que fundamentarão a análise. A segunda etapa é a exploração do material, ou seja, é o trabalho propriamente dito sobre o material colhido. Por último, o tratamento das

informações e a interpretação, que é quando se faz a análise e a decodificação dos conteúdos.

Na primeira etapa desta pesquisa, foi feita uma leitura ampla, com seleção dos elementos que pudessem fundamentar a análise do material obtido nas discussões do grupo focal.

Na segunda etapa foi feita a gravação do material colhido, com destaque para as expressões e os termos mais utilizados pelos participantes e, por último, a reunião desses termos em categorias, assim como a análise desse material, tendo como referência a psicanálise.

Resultados e discussão

Neste trabalho, visando à preservação de sigilo dos dados dos cinco participantes do grupo focal, o pesquisador utilizou nomes fictícios para eles. Assim, a partir deste ponto, eles serão chamados pelos pseudônimos de João, José, Maria, Ana e Paulo.

Todos os participantes são jovens de classe média, estudantes do ensino fundamental, entre o sétimo e o nono ano escolar, de uma escola particular do DF.

Foi feito um encontro do grupo focal onde, após a assinatura dos termos de consentimento (responsáveis legais) e de assentimento (adolescentes), assim como da explicação das regras de funcionamento, foi iniciada a gravação e a discussão. Foi lida cada pergunta do roteiro do grupo focal (Anexo 3), e destinado um tempo de seis minutos para eles conversarem sobre a pergunta. Ao final de cada tempo de discussão, seguiu-se a próxima pergunta até o encerramento, buscando-se garantir a organização, conforme previamente estabelecido. Durante os seis minutos destinados a cada conversa do grupo,

o pesquisador não interferiu ou respondeu a perguntas, a fim de não prejudicar a construção do material de análise.

Posteriormente, com a finalidade de organização das categorias a serem analisadas, realizou-se a degravação do áudio e uma análise dos termos mais frequentemente utilizados pelos participantes. Desta forma, as seguintes categorias foram elencadas: lembranças e sentimentos da infância; experiências e sentimentos na transição da infância para a adolescência; experiências e sentimentos na adolescência; e a experiência de participar do grupo de discussão.

Lembrança e sentimentos da infância

Quando questionado ao grupo como havia sido a infância e quais os sentimentos relacionados à época, os entrevistados alegaram que foi “normal”, sem referência direta a lembranças sobre o que ocorria.

Para João, “Acho que é normal, não mudou muito até agora.” Maria afirmou ser “Agora uma pessoa completamente diferente antes dela. Não me lembro de antes da quarentena. Não me lembro da quarentena”. Inicialmente, possivelmente em função do desconhecimento em relação às demais pessoas do grupo, houve negação da lembrança de sentimentos ruins.

Ao longo das conversas, os participantes mencionaram que a passagem da infância para a adolescência havia ocorrido na pandemia, o que, segundo eles, justificava que afirmassem não se lembrarem de nada antes desse período. Porém, no decorrer da discussão, foram relatando algumas lembranças. Disseram que foi um período que passou muito rapidamente, demonstrando, em certos momentos, um sentimento de

estranhamento, conforme afirma Maria: “Não percebi uma mudança, quer dizer, eu mudei só que tipo um dia eu acordei e eu já estava assim”.

De fato, trata-se de um período do desenvolvimento no qual muitos fatos acontecem e o ambiente constitui um fator importante, uma vez que influencia o cotidiano dos indivíduos, de modo geral. Além disso, criam-se habilidades e novos comportamentos, mudanças as quais não são sempre percebidas pelo indivíduo. Só quando estão mais velhos passam a entender a presença de certas habilidades, por isso, possivelmente, a sensação de “rapidez” na passagem pela infância, tal como revela Maria em sua fala.

Outro fator trazido pelos participantes se refere à facilidade de se comunicar e fazer amigos na infância, assim como a percepção de que, na atualidade, seja mais difícil o entrosamento. Percebem que antes não se interessavam pelas qualidades ou características das pessoas, apenas se iniciava uma amizade, sem outros questionamentos. A esse respeito, José afirmou: “Parece que quando a gente era criança, a gente era mais sociável, era muito mais fácil, a gente ficava feliz e tipo você fazer amigo com uma pessoa que não era nada compatível com você entende, vocês só viram um amigo”. Na sua percepção, não há obrigação de ser compatível ou pertencer ao mesmo grupo, se começava uma conversa e já se tornava amigo de outra pessoa. Segundo João: “Antes eu só falava com alguém e virava amigo. Hoje, eu tenho que falar aí eu, antes nem percebi os fortes, se ele era legal. Sei lá, não conseguia perceber uma característica dele, hoje em dia eu percebo”.

De certo modo, os participantes demonstraram dificuldade de perceberem os sentimentos dos outros, embora, do ponto de vista da teoria do desenvolvimento (Papalia

e Feldman, 2013), seja a partir de meados da terceira infância (entre os seis e os onze anos) que a criança começa a se conscientizar sobre os seus próprios sentimentos e os de outras pessoas.

Sobre a infância, também foi possível perceber a importância da família, como os irmãos parecem ocupar um espaço importante na vida dos participantes, uma vez que os têm como pessoas que lhes ensinam:

“Irmão geralmente uma pessoa que te dá muito apoio na infância que te ensina as coisas então quando você perde a amizade essa pessoa repentinamente porque ela cresce você continua como era antes, é meio estranho, você não tem o mesmo contato que antes, mesmo que vocês ainda morem na mesma casa” (Maria).

Esse sentimento de tristeza pelo irmão que cresceu também aparece no relato de José: “Meu irmão depois que começou a namorar parece que eu nem existo”.

Segundo Melanie Klein (1969), o sentimento de perda do irmão vem análogo à perda da mãe no desmame, momento em que, em função da passagem do tempo, as relações vão mudando. Isso faz com que o indivíduo tenha que ser mais independente a partir desse ponto.

Na última pergunta dessa categoria, quando questionados sobre lembranças de pensamentos na infância, apresentaram, pela primeira vez, as suas fantasias, principalmente em relação a medos e ideias de futuro. É interessante pensar que tais pensamentos devem ter vindo à tona como forma de dar algum sentido sobre o que estavam vivenciando naquele momento de suas vidas. Nesse sentido, João relatou: “Achava que se eu cavasse para baixo, eu chegaria na China”. Já Maria disse: “Também

tinha medo da Maria sangrenta. Nem sei. Minha amiga inventou. Sempre que ia no banheiro eu usava de porta aberta porque eu tinha medo. Porque ela falava que ela saía do espelho ou da privada do banheiro, aí eu morria de medo”. Ambas as falas dizem respeito a fantasias da criança, no sentido de explicar algum conteúdo psíquico inconsciente da criança. Trata-se de uma forma encontrada pela criança para enfrentar os dilemas da vida. No mesmo sentido, os participantes também apresentaram ideias relacionadas a um futuro imaginado, como nesta fala de Maria: “Eu achava que eu conseguiria ganhar a vida sendo Youtuber”.

Experiências e sentimentos na transição da infância para a adolescência

A transição da infância para a adolescência começa por volta dos dez, onze anos, porém, alguns autores falam de um período de latência que ocorre por volta dos seis anos de idade, o qual pode perdurar até parte desse período de transição. Em função disso, algumas vezes há certa dificuldade de se perceberem mudanças nesse período. Maria expressou isso quando disse: “É eu pedi para mudar de escola, porque eu acho que todo mundo da escola começou a me odiar porque eu não sei porque, mas eu tinha umas amigas lá e elas começaram a falar mal de mim, eu pedi para mudar de escola. E aí eu odiei a nova escola, eu queria voltar. Então sei lá.” Essa fala sugere certa dificuldade de perceber que algo possa ter mudado em si mesma ou mesmo em outras pessoas, por isso ela relata que não entende o porquê dessa mudança de sentimentos.

Na fala anterior, Maria fazia referência a um aspecto relevante com respeito ao período de pandemia de Covid-19, um evento não controlável por ela, e que ocorreu e pode ter influenciado essa passagem para a adolescência. Essa circunstância foi relatada

pelos participantes em outros momentos, como uma sensação de que esse evento teria feito com que eles tivessem vivenciado uma transição diferente do que seria a “normalidade”. No mesmo sentido, José disse: “Acho que caiu a passagem de todo mundo aqui foi praticamente na pandemia né? Então foi meio difícil.” Aqui ele também supõe que pode ter sido mais difícil do que o foi para outros adolescentes.

Como diz Blos (1995), no período de transição, o adolescente começa a se interessar pela formação de grupos por afinidades.

O contexto de pandemia de Covid-19 trouxe mudanças na forma de se estabelecer e manter relacionamentos, as amizades. Nas circunstâncias de pandemia, houve a necessidade de afastamento das pessoas em suas casas, ocasionando uma diminuição desses momentos de relacionamentos com amigos, em grande parte das vezes, restritos ao ambiente de comunicação virtual.

Para José, “Depois da pandemia pareceu que a gente desaprendeu a socializar. A gente ficou preocupado com muita coisa, com o que as pessoas pensam, no que que a gente faz”. Conforme expresso por José, houve momentos de desorganização de pensamentos e sentimentos conflitantes, no momento de retorno às atividades presenciais na escola.

Naquele momento, houve também, segundo os participantes, uma reorganização de espaços físicos nas escolas, alterações de turmas e alunos, levando a mudanças nos relacionamentos, o que gerou um novo início de amizades. Como João disse: “No sexto ano, quando já tinha acabado a pandemia, eu acho que foi um ano bem ruim porque tinha pessoas novas que chegaram na pandemia que ninguém conhecia, tinha umas pessoas que ficaram tranquilas eram boas de se falar porque conseguimos.”

Outra situação que o contexto de pandemia pareceu trazer para os adolescentes foi um maior contato com a realidade. No decorrer do seu desenvolvimento, a criança vivencia momentos de fantasia, para conseguir explicar sua realidade, e, dessa forma, vai, aos poucos, conseguindo compreender melhor o que acontece ao redor dela. Maria expressou a sua vivência assim: “Comecei a perceber como o mundo era de verdade, porque para mim era uma imaginação, então, eu tive como assim consciência que eu era uma pessoa sabe?” Nessa fala, Maria também mostrou que essa percepção da realidade trouxe sentimentos ruins, por conta do que percebia que acontecia no mundo.

“Eu acho que tipo eu perdi muito essência que eu tinha. Fiquei bem mais triste um tempo porque tiveram muitas perdas de importância bem difícil e não foram os melhores sentimentos, sabe? Eu jurava que ia morrer.” (Maria).

Essa realidade que eles passaram a perceber também trouxe sentimentos de ansiedade, medo, além da tristeza, como relatado acima. Maria também expressou esse sentimento com essa fala: “Eu acho que é quando você começa a se importar com as coisas e deixa de fazer tudo sem pensar.” José também se expressou a respeito nessa outra fala: “Por exemplo: Eu falei antes, né? A gente começou eu comecei a pensar muito no que as pessoas pensavam de mim em qualquer lugar, eu já pensava alguma coisa. Sendo de mal ou ruim.”

O possível sentimento de solidão, de certo modo vivenciado pelos participantes, no decorrer do contexto de pandemia, numa fase em que eles estariam voltados para o coletivo, exacerbou a necessidade de socialização, a qual acabou restrita ao contato de uns com alguns animais e de outros com a própria família. Maria descreveu esse momento

nesse trecho: “Acho que foi quando ganhei meu cachorro. Em 2021, eu acho. Só que ele deu muito problema, meus pais queriam até devolver, só que a gente continua com ele, todo mundo da família se apegou. E agora tem pena de devolver.” João também se referiu às relações familiares: “Eu senti que nas férias, na pandemia, eu, meu irmão e minha mãe ficou muito mais junto assim.” Percebe-se que esses momentos de socialização trouxeram algum conforto para eles, pois foi a forma como conseguiram lidar com o sentimento de solidão causado por aquele momento de isolamento social.

Os participantes também trouxeram algumas mudanças físicas que perceberam em si mesmos, como tamanho, voz, dentre outras. José tocou nesse aspecto, demonstrando que se sentia estranho com o que aconteceu, referindo-se a um sentimento de timidez comum a essa fase do desenvolvimento: “Fisicamente acho que é espinha, mudança de voz. É bem estranho.” Também falaram sobre mudanças de personalidade que alguns perceberam que tiveram, mais do que de mudanças físicas. Maria disse assim: “Acho que foi muito mais a personalidade que mudou tipo, as coisas que eu gostava, que eu fazia, meus hobbies.”

Experiências e sentimentos na adolescência

Segundo Calligaris (2014), a adolescência é um momento de buscar a própria autonomia. Isso apareceu na fala de Maria, quando ela afirmou que “Acho que é ter autonomia, sabe. Quando você começa a fazer as coisas para você e você que faz. Não sei explicar”. Observa-se aqui uma certa percepção do sentimento de independência.

Apesar de ter essa vontade de crescimento, ainda é possível perceber em alguns dos participantes certa oscilação de sentimentos, principalmente por se sentirem, em seus

contextos sociais, em grupos de amigos e cada um demonstrar querer algo deles, o que faz com que sintam certa dualidade emocional. Um deles expressou isso quando disse:

“Eu tenho uma amiga que falo muito com ela e tenho outra amiga minha. Apesar de ter amigos em comum se odeiam. Então essa minha amiga, ela quer se resolver, só que essa aqui não quer resolver aí essa faz. Sei lá, faz um combinado de ir pro shopping todo mundo menos aquela pessoa e ela faz a mesma coisa, só que quem fica falando com ela. Não vai para o rolê dela e quem fica falando com ela não vai para o rolê dela. então isso aconteceu ontem na verdade”. (João).

Essa busca por uma tribo, conforme aponta Calligaris (2014), faz com que o indivíduo perceba essa dualidade de sentimentos, na busca por integração. Isso acontece também quando descreveram sentimentos de ciúmes e inveja, de não se sentirem melhores amigos, de como o relacionamento acontecia e que aquela amizade da infância não é mais a mesma na adolescência, percebendo que a forma de relacionamento atual se modificou e muitas vezes é necessário aceitar essa nova condição. Maria expressou isso, ao afirmar: “Tipo, ele sai sem você. Vão pra casa um do outro. Aí você só vê as postagens assim, tipo, melhor amiga do mundo. É porque é ruim, quando você considera a pessoa sua melhor amiga e ela não te considera a melhor amiga dela então”.

O conflito de identidade também surge, já que é nesse período de transição que se forma a personalidade. Porém, enquanto isso não acontece, a dualidade de sentimentos é gerada, o indivíduo se vê sem saber como era a personalidade antes e não entende como ela está se moldando. É possível perceber isso com Maria: “Eu acho que para cada pessoa

eu crio uma personalidade diferente. Eu acho que isso não me faz tão bem porque eu acabo me perdendo e não sabendo o que eu sou”.

Erickson (1987) aponta que essa busca de personalidade vem a partir da necessidade de pertencimento em uma tribo onde os adolescentes vão se identificar emocionalmente, por isso essa necessidade de “criação de uma personalidade” para cada momento, até conseguir encontrar a própria identidade.

O conflito de identidade parte da necessidade de escuta e compreensão, o que se expressa no sentimento de insegurança do indivíduo. Muitos podem se sentir abandonados na hora em que precisam falar sobre si mesmos ou expressar seus sentimentos, seus medos e suas angústias. A este respeito, Maria expressou o seu descontentamento: “Sei lá gosta de comportamento. Eu não sei muito bem do por que eles fazem isso, mas é uma equipe lá do colégio, a Suepas que é uma equipe lá de psicólogos, só que eles não fazem muita coisa muito boa, não nunca não funciona aquilo não, você vai lá falar algum problema e eles vão lá e ligam para o seu pai, a primeira coisa que eles fazem é isso, não funciona, é péssimo. Eu não sei por que existe”. Percebe-se que a participante se ressentida da falta de empatia em relação ao que sente que está passando nesse momento, e se queixa do aparente desinteresse dos demais em assumir a responsabilidade por ajudá-la em seu sentimento de angústia.

Compreende-se que, ao não sentirem espaço para escuta, os participantes se sentem incompreendidos, o que resulta na dificuldade em demonstrar sentimentos, ou ainda, de falar sobre eles. A esse respeito, afirmou João: “Por isso que normalmente eu guardo só para mim. Porque não tem como explicar. E quando eu explico sai errado, sei lá”. Aqui também é possível perceber um sentimento de frustração ou desmotivação. No

período de transição da infância para a adolescência, os adolescentes buscam independência, quando querem crescer e se tornar adultos, mas ainda demonstram dificuldade emocional, o que faz com que necessitem de alguém para validar o que estão sentindo; porém, sentem falta de quem realmente possa ajudá-los.

Percebe-se um elo de ligação com a forma como passaram a infância e, principalmente, como fizeram a transição para a adolescência. Ademais, é possível identificar uma dificuldade ainda mais significativa, sobretudo porque são indivíduos que vivenciaram intensamente a pandemia da Covid-19. Logo, os sentimentos pessoais tornam-se menos urgentes do que os mundiais, e eles ainda vivenciam as mudanças, tendo que enfrentar o isolamento social e físico.

A experiência de participar do grupo focal

No momento final do grupo focal, os participantes foram questionados acerca de como se sentiram ao participar dessa experiência. Os mesmos afirmaram terem se sentido ouvidos, alegando ainda que puderam expressar como se sentiam, o que consideraram importante, já que não dispõem de um lugar de fala acessível. A esse respeito, João afirmou: “Eu percebi que não sou só eu que tenho esse negócio de grupo caótico, explodindo por dentro. Isso acho que é bom, porque tudo isso é normal”. Já para Maria: “É como se tipo não lembrasse praticamente nada da minha vida, só algo muito marcante, por isso que eu não tenho muito o que falar e eu tentava puxar assunto, só que ninguém continuava aí eu tinha que continuar falando”.

Relataram também a dificuldade de se lembrarem sobre momentos ocorridos nos períodos discutidos, e de nomearem os seus sentimentos, dizerem o que sentem. Segundo

José: “Nas perguntas, a gente eu acho que a gente ficou em silêncio, porque é meio difícil a gente perceber, falar da gente mesmo. A gente consegue falar do outro e não consegue falar da gente”. Isso ocorreu, possivelmente, por terem passado esse período de transição isolados, em função do contexto de pandemia, o que tornou mais difícil a elaboração dos próprios sentimentos.

Considerações finais

À luz do que foi discutido no grupo focal com os adolescentes, pode-se afirmar que o objetivo principal da pesquisa foi alcançado. Foi possível observar como esses adolescentes perceberam o período de transição entre a infância e a adolescência em suas vidas.

É importante destacar alguns pontos, a partir do que foi analisado. Foi observado que esses adolescentes têm alguma dificuldade de falarem sobre si mesmos ou até de se perceberem, de saberem como estavam, como se sentiam no período objeto desta pesquisa. Algumas vezes demonstraram não ter com quem conversar sobre como estão se sentindo em seu cotidiano.

Quando algum dos demais mencionava algum assunto, outros se sentiam mais abertos para se expressarem também, se sentiram seguros para poderem se manifestar e dizerem o que quisessem. Alguns preferiram ficar em silêncio, o que é compreensível, em se tratando de uma idade onde expressar sobre si mesmo pode causar sentimentos de vergonha, devido a mudanças pelas quais estão passando, tanto físicas, como sexuais ou emocionais.

Os objetivos específicos também foram atingidos. Foi possível entender como os participantes vivenciaram o período de transição da infância para a adolescência, e as consequências emocionais desse processo. Mas alguns sentimentos de como se sentem hoje parecem ter se misturado com as lembranças dos sentimentos vivenciados à época da transição, possivelmente porque alguns se encontravam no final desse processo ou mesmo experimentando-o na atualidade.

Os relatos também mostraram que grande parte desse processo de transição para a adolescência foi vivenciado durante a pandemia, entre os anos de 2020 e 2022, o que fez com que eles tivessem que permanecer isolados, quase sem contato com outras pessoas, por muito tempo.

O período de transição da infância para a adolescência é um momento no qual o indivíduo costuma ter uma maior necessidade de convívio com outras pessoas, por estarem em um momento de construção de sua identidade. O isolamento social pode ter influenciado, de forma significativa, a maneira como eles lidam com o presente, por isso cabem aqui algumas sugestões, para que outros estudos acerca do tema possam aprofundar:

- Fazer um estudo comparativo entre a transição da infância para a adolescência antes da pandemia e durante a mesma, para que se possa analisar melhor a influência do contexto pandêmico no processo de desenvolvimento do adolescente;

- Observar em adolescentes mais velhos como foi o processo de transição, com o intuito de se compreender a dificuldade de distinguir os sentimentos da transição e os que são próprios da adolescência.

Por ser um processo inerente a todos os seres humanos, a temática deste estudo pode contribuir, no sentido de se garantir um espaço de escuta para os adolescentes, para que consigam desenvolver recursos psíquicos para lidarem melhor com os seus sentimentos, tanto nos ambientes familiar e social, quanto nas escolas.

Por fim, cabe à psicologia a continuidade de estudos nesta área, visando a ampliação do conhecimento e a capacidade de compreensão sobre esse momento tão importante do desenvolvimento, visto que os diversos ambientes nos quais a criança se encontra inserida, assim como o momento histórico, podem influenciar na forma como esse indivíduo vivenciará esse período de transição da infância para a adolescência.

Referências

- ABERASTURY, A. (1982). *Psicanálise da Criança – teoria e técnica*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- BACKES, D. S., Colomé, J. S., Erdmann, R. H., & Lunardi, V. L. (2011). Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas: DOI: 10.15343/0104-7809.2011354438442. *O Mundo Da Saúde*, 35(4), 438-442. Recuperado de <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/538>
- BARDIN, L. (1977). *Análise do conteúdo*. São Paulo, SP: Persona.
- Blos, P. (1995). *Adolescência – uma interpretação psicanalítica*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

- CALLIGARIS, Contardo. (2014). A Adolescência. São Paulo, SP: Publifolha.
- ERICKSON, E. H. (1987). Identidade Juventude e Crise. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.
- FREUD, S. (2011) Eu e o ID, Autobiografia e outros textos. São Paulo, SP: Companhia das Letras (Lançado originalmente em 1923 – 1925).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In: S. Freud. Obras Completas Volume 12 - Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos São Paulo, SP: Companhia das Letras (Lançado originalmente em 1917)
- FREUD, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos (vol 6). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- GONDIM, S. M. G, (2002). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Paidéia, 12(24), 149-161.
- Hamada, A., & Castro, M. L. S. (2023). A travessia das adolescências: uma análise psicanalítica da obra “A Viagem de Chihiro”. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 12, e4906. [http:// dx.doi.org/10.17267/2317-3394rps.2023.e4906](http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rps.2023.e4906)
- KLEIN, M. (1969). Psicanálise de Criança. São Paulo, SP: Editora Mestre Jou.
- PAPALIA, D. E. & Feldman, R. D. (2013). Desenvolvimento humano. Porto alegre, RS: Artmed.

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para responsáveis legais

Título da pesquisa: “Percepção de adolescentes acerca da transição da infância para a adolescência”

Instituição do/a ou dos/(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - CEUB

Pesquisador(a) responsável: Profa. Orientadora Me. Aurea Chagas Cerqueira

Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de graduação]: Pedro Otávio Padilha Sander

Seu filho (a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. A colaboração dele(a) neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja que ele(a) participe (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida permitir a participação, você será solicitado(a) a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Seu filho(a) também assinará um documento de participação, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é conhecer a percepção de adolescentes de 12 a 14 anos acerca da vivência do processo de transição da infância para a adolescência.

- Seu filho (a) está sendo convidado(a) a participar exatamente por ser adolescente na faixa etária de 12 a 14 anos.

Procedimentos do estudo

- A participação dele(a) consiste em participar de um grupo de discussão (Grupo Focal), juntamente com outros 5 (cinco) adolescentes.
- O/os procedimento(s) é/são: O grupo focal será realizado em uma sala ampla e reservada, a ser providenciada pelo pesquisador assistente. Será realizada a gravação de todo o processo em áudio, com atenção integral à garantia do sigilo e da privacidade dos participantes. Na sala, só estarão presentes os participantes e o pesquisador assistente, que terá a função de moderador do grupo.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos baixos que são inerentes à pesquisa, tais como: emoção e ansiedade relacionadas a possíveis dificuldades diante das perguntas relacionadas ao objeto de estudo.
- Medidas preventivas, como uma conversa preliminar, pausas ou interrupções serão tomadas durante a realização do trabalho, caso haja algum desconforto, para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, seu (sua) filho (a) não precisará realizá-lo.
- A participação de seu (sua) filho (a) nesta pesquisa contribuirá para uma maior compreensão sobre a percepção de adolescentes de 12 a 14 anos acerca da vivência do processo de transição da infância para a adolescência.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- A participação é voluntária. A pessoa por quem você é responsável não terá nenhum prejuízo se você não quiser que ele(a) participe.
- Ele(a) poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso

entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela participação dele(a) neste estudo.

Confidencialidade

- Os dados dele(a) serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados (como a gravação e a transcrição dos resultados do grupo focal) ficarão guardados sob a responsabilidade do pesquisador assistente, Pedro Otávio Padilha Sander, com a garantia de manutenção do sigilo e da confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o nome dele(a), instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada à privacidade de quem você é responsável.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a participação dele(a) no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em consentir que ele(a) faça parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Centro Universitário de Brasília – CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Brasília, _____ de _____ de _____.

Responsável Legal por _____

Pesquisadora responsável: Me. Aurea Chagas Cerqueira

(61) 99986-2105/aurea.cerqueira@ceub.edu.br

Pedro Otávio Padilha Sander

(61) 98127-9376/pedrosander@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Centro Universitário de Brasília - CEUB

Endereço: SEPN 707/907 Bloco 9

Bairro: Asa Norte

CEP:

Cidade: Brasília - DF

Telefones p/contato: (61) 3966-1201

Anexo 2

Termo de Assentimento

Título da pesquisa: “Percepção de adolescentes acerca da transição da infância para a adolescência”

Instituição do/a ou dos/(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - CEUB

Pesquisador(a) responsável: Profa. Orientadora Me. Aurea Chagas Cerqueira

Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de graduação]: Pedro Otávio Padilha Sander

Você sabe o que é assentimento? Significa que você concorda com algo. No caso deste documento, significa que concorda em participar desta pesquisa.

Antes de decidir se quer ou não participar, é importante que entenda o estudo que está sendo feito e o que ele envolverá para você.

Apresentamos esta pesquisa aos seus pais ou responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo sua concordância. Se você deseja participar, seus pais ou responsáveis também terão que concordar. Mas você é livre para fazer parte ou não desta pesquisa, mesmo se seus pais ou responsáveis concordarem. Não tenha pressa de decidir.

Também poderá conversar com seus pais, amigos ou qualquer um com quem se sinta à vontade para decidir se quer participar ou não, e não é preciso decidir imediatamente.

Pode haver algumas palavras que não entenda ou situações que você queira que eu explique mais detalhadamente, porque ficou mais interessado(a) ou preocupado(a). Nesse caso, por favor, peça mais explicações.

Natureza, objetivos e procedimentos do estudo

- O objetivo deste estudo é conhecer a percepção de adolescentes de 12 a 14 anos sobre o processo de transição da infância para a adolescência
- Você vai participar de um grupo de discussão, juntamente com outros 5 adolescentes.

- O que vai acontecer é: o grupo de discussão será realizado em uma sala ampla e reservada, a ser providenciada pelo pesquisador assistente. Vamos gravar o áudio das conversas que o grupo terá durante o trabalho, para facilitar a análise posterior das informações. Mas você pode ficar tranquilo (a), pois daremos total atenção à garantia do sigilo e da sua privacidade. Na sala, só estarão presentes os participantes e o pesquisador assistente, que terá a função de moderador do grupo.
- Você não fará nada além do que estamos explicando neste documento.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação poderá ajudar que mais pessoas saibam sobre os sentimentos presentes na transição da infância para a adolescência.
- Sua participação é voluntária, ou seja, você só participa se quiser e, de acordo com as leis brasileiras, não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo. Ninguém vai cobrar dinheiro de você ou de seus pais/responsável, ou vai tratá-lo(a) mal se não quiser participar.
- Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento, bastando para isso falar com um dos pesquisadores responsáveis.

Confidencialidade

- Seus dados ficarão somente com os pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações e a gravação das discussões em grupo ficarão guardados sob a responsabilidade do pesquisador Pedro Otávio Padilha Sander, com a garantia de que ninguém vai falar de você para outras pessoas que não façam parte desta pesquisa, e serão destruídos após decorrido o prazo de 5 anos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Caso ocorram danos causados pela pesquisa, todos os seus direitos serão respeitados de acordo com as leis do país. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada.

Se quiser falar algo ou tirar dúvida sobre como será/está sendo tratado na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília CEP - UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também envie um e-mail ou ligue para informar se algo estiver errado durante a sua participação no estudo.

Este Termo Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo(a) pesquisador(a) responsável, e a outra ficará com você.

Assentimento

Eu, _____, RG _____, (se já tiver o documento), fui esclarecido(a) sobre a presente pesquisa, de maneira clara e detalhada. Fui informado(a) de que posso solicitar novas informações a qualquer momento e que tenho liberdade de abandonar a pesquisa quando quiser, sem nenhum prejuízo para mim. Tendo o consentimento do meu(minha) responsável já assinado, eu concordo em participar dessa pesquisa. Os (As) pesquisadores(as) deram-me a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Participante

Pesquisadora responsável: Me. Aurea Chagas Cerqueira
(61) 99986-2105/aurea.cerqueira@ceub.edu.br

Centro Universitário de Brasília – CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Pedro Otávio Padilha Sander

(61) 98127-9376/pedrosander@sempreceub.com

Anexo 3

Roteiro do Grupo focal

1 – Infância

- De forma geral, como foi sua infância?
- Descreva alguns sentimentos relacionados à infância.
- Descreva uma lembrança especial da sua infância.
- Você se lembra de alguns dos seus pensamentos na infância?

2 – Transição da infância para a adolescência

- Como foi ou está sendo a passagem da infância para a adolescência?
- Descreva alguns sentimentos relacionados a essa passagem da infância para a adolescência.
- Descreva uma experiência especial desse momento de transição.
- Quais mudanças você notou em você nessa passagem da infância para a adolescência?

3- Adolescência

- O que é para você ser adolescente?
- Que sentimentos você tem vivido na adolescência?
- Como são seus comportamentos e pensamentos no momento atual?
- Quais mudanças você nota em si mesmo (a) neste momento?

4- O que você achou da participação neste grupo de discussão?

Anexo 4

Parecer consubstanciado do CEP-CEUB

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Percepção de adolescentes acerca da transição da infância para a adolescência

Pesquisador: AUREA
CHAGAS CERQUEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67805523.5.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.014.967

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos

Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

A pesquisadora e o pesquisador apresentam o projeto da seguinte forma na segunda versão:

"O presente trabalho visa refletir sobre como adolescentes descrevem os sentimentos a respeito da passagem da infância para a adolescência. Segundo

pesquisadores, trata-se de um dos momentos mais importantes no desenvolvimento humano. Neste sentido, a pesquisa busca compreender os sentimentos dos adolescentes a respeito dessa fase, baseando-se em teóricos do desenvolvimento humano e da psicanálise. Objetiva-se levantar questões que proporcionem uma melhor compreensão a respeito das mudanças e transformações enfrentadas pelos indivíduos, com o intuito de propor um olhar mais empático, vislumbrando melhorar as relações, sobretudo no ambiente escolar. Definiu-se o grupo focal como técnica para a realização do estudo, de modo a permitir uma melhor observação dos sentimentos dos participantes, e a metodologia de análise de conteúdo para a análise e interpretação do material."

Objetivo da Pesquisa:

É apresentado pela pesquisadora e pelo pesquisador os seguintes objetivos:

Objetivo Primário:

Conhecer a percepção de adolescentes de 12 a 14 anos acerca da vivência do processo de transição da infância para a adolescência.

Objetivo Secundário:

Investigar a percepção dos adolescentes sobre os sentimentos presentes no processo de transição para a adolescência. Investigar a percepção dos adolescentes sobre possíveis dificuldades inerentes ao processo de transição para a adolescência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O CEP concorda com os pesquisadores diante da avaliação dos riscos e benefícios apresentados:

Riscos: Este estudo possui riscos baixos que são inerentes à pesquisa, tais como: emoção e ansiedade relacionadas a possíveis dificuldades diante das perguntas relacionadas ao objeto de estudo. Medidas preventivas, como uma conversa preliminar, pausas ou interrupções serão tomadas durante a realização do trabalho, caso haja algum desconforto, para minimizar qualquer risco ou incômodo.

Benefícios:

A participação do adolescente nesta pesquisa contribuirá para uma maior compreensão sobre a percepção de adolescentes de 12 a 14 anos acerca da vivência do processo de transição da infância para a

adolescência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem estruturada. Foi feito um bom levantamento bibliográfico e não apresenta um grande risco aos participantes.

As dúvidas geradas na primeira versão foram esclarecidas pela pesquisadora e pelo pesquisador.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está compatível com as necessidades da pesquisa, assim como o termo de assentimento. Foi apresentada a folha de rosto e o cronograma da pesquisa. Toda a documentação condiz com as necessidades.

Recomendações:

Ao final da pesquisa deverá ser enviado o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui-se pela aprovação do projeto diante das respostas apresentadas nesta segunda versão.

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto: A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;
- II - desenvolver o projeto conforme delineado;
- III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo aprovado ad referendum, com parecer homologado pela coordenação do CEP-UniCEUB em 18 de abril de 2023.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Centro Universitário de Brasília – CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2099104.pdf	06/04/2023 14:31:05		Aceito
Outros	Carta_de_Envio_de_Pendencias_PEDROOTAVIOPADILHASANDER.pdf	06/04/2023 14:29:08	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de Monografia_PEDROOTAVIO_Pendencias.pdf	06/04/2023 14:27:56	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

Página 03 de

Folha de Rosto	Folhaderosto_AnuenciaPedroOtavio.pdf	08/03/2023 20:31:47	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PedroOtavio.pdf	06/03/2023 23:37:53	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODEASSENTIMENTO_PedroOtavio.pdf	06/03/2023 23:37:09	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	CV_PedroOtavio.pdf	06/03/2023 23:32:09	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

Centro Universitário de Brasília – CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Outros	LATTES_AUREACERQUEIRA.pdf	06/03/2023 21:09:42	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
--------	---------------------------	------------------------	------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 21 de Abril de 2023

Assinado por:

Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))